

Prefácio

O conjunto de artigos apresentados nesta revista reflete, de forma bastante variada, a influência produtiva que a teoria do interacionismo sociodiscursivo (ISD, de ora em diante) tem exercido nos últimos dez anos nas pesquisas portuguesas e, principalmente, nas brasileiras, da área da Lingüística e da Lingüística Aplicada. Assumindo esse quadro teórico, inúmeros pesquisadores têm-se voltado para a análise de textos, com os mais diferentes objetivos: para compreender o funcionamento dos diferentes níveis da textualidade e de suas relações com o contexto, com os gêneros e com o desenvolvimento humano, para elaborar e avaliar materiais didáticos, para analisar e avaliar experiências didáticas, para formar professores, e, mais recentemente, para buscar compreender o agir humano que se (re)-configura nos textos e, em particular, o agir implicado no trabalho do professor.

Para compreendermos a influência dessa teoria no Brasil, julgo necessário rever a história de seu desenvolvimento e das relações que foram se estabelecendo entre os pesquisadores que a construíram e os pesquisadores brasileiros que atualmente o assumem como sua fonte de referência maior. Podemos dizer que o ISD começou a se delinear a partir de 1980, com a constituição de um grupo de pesquisadores na Unidade de Didática de Línguas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra, como Bernard Schneuwly, Daniel Bain, Joaquim Dolz, Itziar Plazaola e outros, que, sob a coordenação de Jean-Paul Bronckart, voltou-se para um amplo programa de pesquisa comum. Tomando Vygotsky como fonte de referência maior no campo do desenvolvimento e Bakhtin, no campo da linguagem, esses pesquisadores posicionaram-se a favor da reunificação da Psicologia, atribuindo-lhe uma dimensão social, com a finalidade de esclarecer as condições da emergência e do funcionamento do pensamento consciente humano.

Seguindo os passos de Vygotsky, a importância conferida à linguagem nesse processo levou esse grupo a mergulhar em estudos e pesquisas sobre o funcionamento dos textos/discursos, sobre o processo de sua produção e sobre as diferentes capacidades de linguagem que se desenvolvem no ensino-aprendizagem formal dos gêneros e dos diferentes níveis da textualidade. Inicialmente, com base na análise de milhares de trechos de textos, foi construída uma grade de análise e um primeiro modelo da estrutura dos textos do francês contemporâneo, divulgado na obra “Le fonctionnement des discours”, em 1985. Os procedimentos aí delineados forneceram a base para trabalhos comparativos, com a aplicação do mesmo método ao estudo de textos de outras línguas. Posteriormente, os aportes de todos esses trabalhos convergiram para uma substancial (re-) formulação, desenvolvida por Bronckart na obra “Activités langagières, textes et discours”, de 1997, que foi traduzida para o português, no Brasil, em 1999, possibilitando a divulgação mais ampla, entre nós, dos pressupostos teórico-metodológicos do ISD.

Ainda em Genebra, os mesmos procedimentos serviram de base para pesquisas sobre as condições de aquisição dos principais níveis da organização textual por crianças submetidas ao ensino formal. Outros trabalhos voltaram-se de modo mais diretamente intervencionista para a didática das línguas: de um lado, contribuíram para a reforma dos programas de ensino de línguas da Suíça francófona, com uma nova abordagem da gramática e uma nova concepção do ensino de textos narrativos, argumentativos e informativos; de outro, construíram-se instrumentos para o ensino, como manuais para o ensino do francês e as conhecidas “seqüências didáticas”, que, em momento posterior, passaram a se centrar especificamente no ensino de gêneros, sobretudo nos trabalhos de Dolz e Schneuwly. Ao mesmo tempo, foram desenvolvidos por Bronckart trabalhos de cunho mais teórico, nos quais o autor enfoca a

epistemologia das ciências humanas, as consequências a serem tiradas da teoria saussureana do signo e das teorias da ação.

Mais recentemente, por volta de 2001, constituiu-se um subgrupo na Unidade de Didática das Línguas (Groupe Langage-Action-Formation), voltado para um amplo programa de pesquisa para a análise do agir e dos discursos em diferentes situações de trabalho, incluindo-se aí a do trabalho educacional, no qual atuo como colaboradora.

Pelo exposto, é fácil compreender as razões pelas quais pesquisadores brasileiros voltados para as questões de ensino-aprendizagem de produção e leitura, principalmente da linha vigotskiana, logo se interessassem pelos trabalhos do grupo de Genebra, assim que foram sendo conhecidos. Assim, em 1993, após os primeiros contatos estabelecidos entre a Profa. Dra. Roxane Rojo e a Profa. Dra. Maria Cecília C. Magalhães, ambas do Programa de Estudos Pós-graduados em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL-PUC/SP), onde desenvolvia meus estudos de doutorado, tive o privilégio de permanecer aproximadamente dois anos junto ao grupo de Genebra, sob a orientação de Bronckart, que teve como resultado a primeira tese brasileira nessa linha teórica, a que se seguiu sua divulgação, em 1998, no livro “O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento no ensino”.

Em 1994, um Acordo Interinstitucional foi firmado entre o LAEL e a Unidade de Didática de Línguas da Universidade de Genebra, o que nos permitiu um intercâmbio intenso com seus pesquisadores, com a co-orientação de teses de doutorado (de Gláís Sales Cordeiro, atualmente membro do corpo docente dessa unidade, e, em curso, a de Maurício Érnica) e com estadias dos professores participantes do acordo nos dois países. Esse diálogo constante com o grupo de Genebra tem-se traduzido, no âmbito de nosso trabalho, em inúmeras pesquisas veiculadas em livros, assessorias, processos de formação de professores, eventos científicos, cursos, teses, dissertações, artigos e materiais didáticos. Por sua vez, os doutores, os doutorandos e mestres por nós formados têm difundido as idéias do ISD

em diferentes regiões do Brasil, criando-se núcleos de pesquisa nessa linha, como na Universidade Estadual de Londrina, na Universidade Federal de Goiás, no Centro Universitário de Brasília, na PUC do Rio de Janeiro, na Universidade de Maringá, em escolas de línguas e em escolas públicas e particulares do Ensino Fundamental e Médio.

Ao mesmo tempo, pesquisadores de outras universidades brasileiras, por vários motivos, por outras vias e por diferentes afinidades teóricas, foram tendo contato direto com o mesmo grupo de Genebra, como foi o caso de professores da Universidade Estadual de Campinas, da Universidade Federal de Minas Gerais, da PUC/Minas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidade Federal de Pernambuco, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, da Universidade do Vale dos Sinos, da Universidade de Caxias do Sul e da Universidade de Vitória, na qual Edivanda Mugrabi, também uma das ex-orientandas de Bronckart, desenvolve trabalhos sobre alfabetização.

Entretanto, curiosamente, muitos desses pesquisadores que se assumem como interacionistas sociodiscursivos não se conheciam nem conheciam os trabalhos que seus colegas desenvolviam. Foi graças à percepção do que me parecia uma falha que tomei a iniciativa de organizar, ao lado de Rosalvo Pinto, o simpósio “Painel de pesquisas brasileiras e portuguesas no quadro do interacionismo sociodiscursivo: aportes teóricos e metodológicos e novas tendências”, durante a realização do 14º. INPLA, na PUC/SP, com o objetivo de mapear o que se está fazendo no Brasil com apoio nessa teoria, convidando pesquisadores brasileiros e portugueses que a ela se filiam a se reunirem para exposições de suas pesquisas, tendo o Prof. Bronckart como debatedor.

De forma muito particular, para mim, a realização desse simpósio configurou-se como uma verdadeira comemoração dos exatos dez anos do Acordo entre o LAEL (PUC/SP) e a Unidade de Didática das Línguas da Universidade de Genebra. A importância que o simpósio assumiu, para todos os pesquisadores envolvi-

dos assim como para o Prof. Bronckart ficou muito clara desde o início de sua divulgação, o que foi confirmado durante todo o seu desenvolvimento e nos resultados obtidos. Nele se reuniram pesquisadores de quatro países (Suíça, Portugal, Argentina e Brasil); de diferentes estados brasileiros (São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás e Distrito Federal), de suas capitais e do interior, de diferentes instituições educacionais, desde pesquisadores que estão ligados a instituições públicas educacionais do mais alto nível hierárquico, como o Ministério da Educação, até os que atuam no Ensino Fundamental, e pesquisadores de diferentes níveis de conhecimento sobre o interacionismo sócio-discursivo, desde doutores com larga experiência em pesquisa até alunos iniciantes de mestrado.

A variedade dos temas e dos contextos de pesquisa focalizados e a criatividade das abordagens foram sua marca, o que nos confirmou a potencialidade da teoria que assumimos, que nos permite abordar diferentes tipos de questões, tendo por base os mesmos pressupostos gerais e um mesmo tipo de raciocínio global. É de se ressaltar também a variedade de aspectos da teoria que são utilizados e a conjugação particular que muitos de nós estabelecemos entre ela e outras diferentes teorias. Essa variedade de combinações parece-nos derivar da própria concepção transdisciplinar do interacionismo sociodiscursivo, que não nos deixa tolhidos, mas sim, incentiva-nos a encontrar, de forma coerente, soluções adequadas aos problemas particulares de cada

uma de nossas pesquisas, levando-nos a não nos comportarmos como escravos aplicacionistas da teoria, nem nos constituirmos como uma espécie de grupo religioso ou de partido político fechado e nem mesmo como seus membros periféricos. Ao contrário, se bem compreendida, o ISD permite-nos – ou até mesmo **exige** – que assumamos nosso papel de verdadeiros construtores de conhecimentos, contribuindo, de fato, para seu desenvolvimento teórico e metodológico.

Tudo isso, aliado ao clima de diálogo criado e às expressões particulares de satisfação e de empenho dos pesquisadores participantes do simpósio, que, aliás, se sentiram motivados a criar o grupo de pesquisa de estudos do interacionismo sócio-discursivo¹, me fazem crer que tínhamos uma real necessidade de nos encontrarmos e de partilhar os resultados de nossas pesquisas. Assim, espero que a iniciativa de Anna Maria de Mattos Guimarães e de Dinorá Fraga em publicar uma revista que reúne os trabalhos apresentados nesse simpósio reflita a fecundidade de nossas discussões, o dialogismo e o respeito ao trabalho alheio que conseguimos vivenciar intensamente. Mais ainda, que a reunião de nossos artigos nesta revista permita que avancemos em nossas pesquisas, que reforcemos nossas relações formais e informais e que possamos incentivar o desenvolvimento de novas pesquisas no quadro teórico-metodológico que nos une.

Anna Rachel Machado

¹ O grupo encontra-se com o nome provisório ALTER, que deverá ser alterado brevemente. Já enviado para cadastramento no CNPq, aguardando aprovação da PUC/SP. Para entrar nesse grupo de pesquisa, basta que o leitor acesse a página <http://lael.pucsp.br/mailman/listinfo/alter>.

